

Da valentia à neurose: Criminalização das galeras funk, 'paz' e (auto)regulação das condutas nas favelas¹

Carla dos Santos Mattos

Pesquisadora da Uerj

Este artigo versa sobre percepções e experiências de violência entre jovens ex-integrantes de galeras funk. O foco da análise recai sobre as palavras “neurose”, usada entre os jovens para contextualizar uma fase de maior tensão, e “violência”, ligada ao poder das facções do tráfico de drogas nas favelas cariocas. Busco explorar os sentidos da “neurose” como categoria que percebe uma mudança no padrão de interação social que marca a extinção das galeras no circuito de eventos em torno do funk. Tais percepções são parte da construção de subjetividades gestadas no processo de criminalização que opera a secular oposição “favela”/“asfalto”.

Palavras-chave: sociabilidade, violência, favela, funk carioca, galeras

From Valour to Neurosis: Criminalization of the ‘Galeras’ Funk, ‘Peace’ and (Self-)Regulation of Conduct in the Favelas addresses the perceptions and experiences of youth violence among former members of galeras funk (tribe-like groups of funk aficionados). The analysis focuses on the words ‘neurose’ (neurosis), used by the youths to describe a situation of high tension, and ‘violência’ (violence), related to the power of the drug trafficking factions in the Rio de Janeiro slums. The category ‘neurosis’ detects a change in the pattern of social interaction that marks the elimination of the galeras from the circuit of funk events. Such perceptions help construct subjective views generated in the process of criminalization that operates the secular opposition between the ‘favela’ and the ‘asfalto’ (the regular urban space).

Key words: sociability, violence, favela, Rio de Janeiro funk, galeras

Introdução

Brigar pra quê se é sem querer?
Quem é que vai nos proteger?
Será que vamos ter de responder
Pelos erros a mais, eu e você?
Legião Urbana

Os “bailes de galeras”² – “de brigas” ou de “corredor”, como também eram classificados – integraram o circuito de bailes funk no Rio de Janeiro na década de 1990. A atuação em galeras se caracterizou por interações baseadas em lutas físicas, constituindo uma modalidade de lazer e sociabilidade para muitos jovens, em sua maioria moradores de favelas e subúrbios da cidade (VIANNA, 1988; CECCHETTO, 1997; HERSCHMANN, 2000; CUNHA, 1996, 2001; MATTOS, 2006). As brigas aconteciam dentro de clubes ou lugares de passagem e encontro, como praias, zonas centrais dos

Recebido em: 30/06/2011
Aprovado em: 22/05/2012

1 Este artigo é uma releitura de dois capítulos de minha dissertação (MATTOS, 2006). Agradeço a minha orientadora, Márcia Leite, por instigar a valorização acadêmica deste trabalho e incentivar sua publicação. Sou imensamente grata aos amigos interlocutores do estudo – “Michele”, “Silva”, “Charles” e “Nando” –, por longas entrevistas para ajudar na pesquisa, narrando suas experiências e explicando/teorizando pacientemente os termos e situações.

2 Os termos entre aspas servem para indicar uma categoria nativa quando significativa para o contexto analisado. É o caso de “paz”, “violência” e “guerra”. Diferentemente, o termo *pacificação*, embora esteja em destaque na política estatal de segurança pública atualmente, é usado aqui no sentido do apaziguamento de tensões e conflitos.

bairros e transportes públicos, constituindo áreas nomeadas de “neutras”. Todos esses locais, chamados de “asfalto”, diferem dos espaços que são referências para as identidades territorializadas das galeras: ruas, becos, bairros, regiões, travessas e favelas. Nesses bailes, se ritualizava predominantemente o que Fátima Cecchetto (1997) interpretou a partir da noção de *ethos guerreiro*: um conjunto de valores baseados na honra masculina para a definição social do homem valente; quem tem “disposição” para brigar e defender o seu território e/ou amigos.

As galeras ficaram conhecidas através do “arrastão” – roubo coletivo – de 18 de outubro de 1992, na praia de Ipanema, Zona Sul, quando foi desencadeada a discussão pública sobre o lugar do pobre na cidade e na pauta política do Estado. Procurou-se explicar a sensação de insegurança patrimonial e física decorrente de episódios considerados parte do que se chamou “violência urbana”. As releituras seguiram uma lógica específica de interpretação inspirada no que Márcia Leite (2000) definiu como “metáfora da guerra” entre a “favela e o asfalto”. A criminalização e a violência das brigas repercutiram no universo funk a partir da ameaça de proibição dos bailes e da acusação de associação ao tráfico, fazendo com que setores dos movimentos sociais se unissem a grupos ligados ao funk em prol do movimento de “paz” nesses eventos. A despeito do esforço interno de pacificação, iniciou-se um processo de interdição judicial dos bailes, sobretudo nas favelas onde os eventos sempre foram considerados pacíficos no que tange à dinâmica dos “corredores” em clubes na cidade.

Este texto apresenta uma pesquisa realizada em 2004 e 2005 com ex-integrantes da extinta galera da Nova Holanda, favela da Maré, Zona Norte da cidade. A análise se baseia em relatos de quatro jovens que representam duas gerações que atuaram em distintos bailes definidos pelo nível de “violência”: o Baile de Bonsucesso (1987-1996) e o Baile do Chaparral (1999), este último considerado mais perigoso³. O objetivo do artigo é compreender as percepções e experiências de “violência”, assumindo o viés histórico e comparativo na análise sobre a atuação “guerreira” em relação ao novo momento de “paz” nos bailes. Os jovens interlocutores da pesquisa fazem uso recorrente da palavra “neurose” ao se referirem a um novo contexto de poder ligado às facções do tráfico de drogas que atuam nas favelas no Rio de Janeiro⁴, marcando uma nova perspectiva para o convívio social.

3 “Violência” refere-se ao uso da força na construção dos conflitos e interações sociais. Na percepção dos jovens que entrevistei, o uso da força física, quando extrapola o espaço dos bailes, gera uma “violência” maior.

4 A definição que uso de “favela” é a mesma dada pelos informantes da pesquisa para diferenciar as áreas residenciais populares dominadas por grupos criminosos ligados ao tráfico de drogas ou milícias. Muitas vezes, o termo “comunidade” serve para designar o mesmo sentido de “favela”, mas é utilizado também como forma alternativa ao estigma que liga favela e crime, visando a uma identificação afetiva com o lugar.

O conflito e a “violência” tinham força integradora no convívio entre galeras rivais⁵, mas essa maneira de experimentar a rivalidade é modificada no contexto das facções quando observadas duas situações. Na primeira, nota-se que, dentro dos “corredores”, alguns jovens – chamados de “neuróticos” – começam a se destacar a partir dos referenciais culturais da facção que idealizam a “guerra” armada contra o inimigo – “alemão” –, impondo uma nova moral do “sujeito homem” não mais valorizada em sua força física e disposição para a luta. A segunda situação refere-se ao contexto de “guerra” entre facções nas favelas – contexto chamado de “ritmo neurótico” (MATTOS, 2006) –, quando um novo ideal de convívio social de “paz” e “lazer” na comunidade e nos bailes incide de modo diverso nas percepções de risco-perigo, nas estratégias de circulação e nas práticas de (auto)regulação⁶ das condutas e de identificações em face da criminalidade violenta local.

Criminalização e o “pede a paz” no circuito de brigas na cidade

Sou história do funk isso eu tenho que falar
Pede a paz, tem conceito, vem também para animar
(...)
Verde e rosa é a Mangueira, Só você está com você
A montagem “Pede a Paz” luta contra a covardia
Eu peço pra vocês para se ligar na minha
Dia 22 de julho se liga no que aconteceu
Sete menores Assassinados morreram
O tempo foi passando e sentimos outra dor
Em Vigário Geral só morreu trabalhador
(...)
Eu canto esse rap e mando no embalo
Para quem não me conhece eu sou o MC Galo
História do Funk – Mc Galo da Rocinha

O “arrastão” serviu de operador lógico de familiarização do funk na cidade (VIANNA, 2000), inaugurando um campo semântico que articulou juventude, violência e pobreza. Nesse contexto criminalizador, os funkeiros foram apresentados como inimigos da cordialidade carioca, pondo em xeque os princípios da democracia racial e social que ordenam a re-

5 Sobre etnografias em bailes de “corredor” e os motivos das rixas ver Herschmann (2000), Cecchetto (1997) e Cunha (2001).

6 Usei a ideia de (auto)controle no sentido pensado por Norbert Elias sobre a interdependência entre as forças reguladoras externas e os processos de subjetivação implicados em cada configuração de poder.

apresentação do Rio de Janeiro como “cidade maravilhosa” e símbolo da “essência” da identidade brasileira (LEITE, 2000; CUNHA, 1996, 2001; HERSCHMANN, 2000). Imediatamente transformados em questão de polícia, os bailes funk e os funkeiros sofreram um processo de repressão estatal. Em 1995, foi criada a CPI do Funk para investigar a ligação não comprovada dos organizadores dos bailes com o tráfico de drogas na cidade e, em 1996, a Lei Pitanga regulamentou os bailes de clube, mas somente naqueles em que não aconteciam brigas. Ganhando status de ilegalidade, os “corredores” continuaram; contudo, o problema público em torno do funk começou a recair sobre a questão da clandestinidade, por causa da apologia ao crime e à pornografia denunciada nos bailes em favelas – ou “baile de comunidade”.

Outra legislação criada em 2000, a Lei do Funk estabeleceu uma série de exigências legais para a regulamentação desses eventos, sendo interditados vários deles, como destaca a notícia (ARAÚJO, 28/3/2001) publicada pelo Portal Terra em março de 2001:

O Promotor Romero Lyra, um dos principais participantes da CPI do Funk que resultou na lei, concorda que ela ainda é pouco aplicada. “A grande maioria dos bailes é clandestina”, afirma Romero. A Lei do Funk, aprovada em maio de 2000, é resultado dos trabalhos da CPI na Assembleia do Rio de Janeiro que apurou as denúncias de violência, apologia ao crime e às drogas e pornografia no interior dos bailes. Os principais promotores do funk e as autoridades que denunciaram as irregularidades nos bailes foram chamados, entre outubro de 1999 e maio de 2000 para prestar depoimento à CPI. Uma série de acusações foi levantada e cerca de 30 bailes foram interditados.

Os bailes em favelas sempre foram pacíficos e alguns eram bastante populares, como, por exemplo, o do Chapéu Mangueira, na Zona Sul. Classificados como áreas não neutras, a própria lógica das galeras não permitia que o “alemão” atuasse junto ao seu grupo. As brigas entre galeras, moradores ou visitantes eram proibidas pelas traficantes no intuito de evitar problemas com a polícia e garantir o evento, rentável para o negócio das drogas e para o prestígio da facção (como veremos na próxima seção).

Considerados os “bailes da paz” e do novo armistício cultural da cidade” (HERSCHMANN, 2000, p. 105), com a presença de jovens da classe média nesse circuito ilegal de lazer, os bailes de favelas foram alvo de uma campanha antifunk que levou à interdição desses eventos nas Operações Policiais Rio I e II, em 1995 e 1996.

Quando o funk foi percebido como fenômeno violento, os funkeiros, empresários, DJs e MCs sofreram grande pressão. Para apresentar um funk mais “civilizado”, foram criados os “festivais de galeras”, cujo objetivo central era valorizar a disputa lúdica na competição entre galeras rivais através de danças, músicas e gincanas. Muitas músicas consagradas nos festivais seguiram a mesma tendência pacificadora percebida nas letras que tematizavam “pede a paz nos bailes” e pregavam o divertimento entre os “irmãos”, o orgulho de morar na favela e de representar o seu grupo⁷:

Brigar pra quê se é sem querer?/ Quem é que vai nos proteger?/ Pare e pense um pouco mais/ E violência aqui nunca mais/(...) Massa funkeira não me leve à mal/ Vem com paz e amor curtir o Festival/o Festival daqui é muito bom/o Festival é um jogo de emoções
“Rap do festival”, Danda e Tafariel

Vimos que tal pressão fora construída frente a um processo de intensa estigmatização e criminalização dos jovens moradores de favelas. Mas essa pressão também sugere um sentimento mais geral de repugnância ao uso da força violenta nas interações sociais, principalmente como meio de diversão e prazer. Posteriormente à interdição judicial da maioria dos clubes que promoviam as brigas, o funk passa por um novo período que festeja a pacificação social do circuito e o sucesso na mídia. Nesse momento, o funk já é fenômeno de mercado da indústria cultural, encontrando lugar no repertório de grandes rádios FM e programas de TV, e tendo cada vez mais inserção entre os jovens de classe média (SOUTO, 1997). Algumas letras passam a focar a conquista da cidade através da música, que, em vez de seguir a guetização, sugere a pacificação social e racial por meio da mistura de ritmos em que negros e brancos dançam democraticamente⁸.

7 Ver a matéria jornalística “Rap pretende promover paz em bailes funk do Rio”, publicada pelo *Jornal do Brasil* em outubro de 1992 (apud HERSCHMANN, 2000, p. 150).

8 O antropólogo Hermano Vianna, o empresário DJ Marlboro e cantores como Fernanda Abreu e Caetano Veloso surgem na mídia como os principais mediadores culturais do mundo funk carioca contra o estigma construído após a polêmica dos arrastões de 1992. A celebração da mediação cultural entre “favela” e “asfalto” e o viés histórico da pacificação do circuito de bailes foram tratados em um importante jornal de circulação na elite carioca: “Como é, quem faz e como são os bailes da música que já foi confundida com o crime e proibida, mas hoje contagia a cidade: (...). Eles dançam em paz até altas horas. O bonde do funk agora circula pela cidade inteira. E cada vez mais lotado de passageiros”. (NAME, 21/12/2003).

O funk “proibido” e o contexto das facções: “Guerra” e “paz” nas favelas

Valentão, você quer bater
Mas vai ter que contar com a sorte
Inventaram a arma de fogo
Não existe homem forte
Rap proibido do Comando Vermelho

O funk “proibido” ou “proibidão” é uma vertente musical que retrata a vida dos bandidos no crime e constrói a “guerra” entre facções como “realidade” das favelas. As músicas contendo letras proibidas sempre existiram, mas esses funks ganham o repertório temático nos bailes quando os grupos criminosos começam a se associar a facções e a disputar territórios para venda de drogas ilícitas no varejo.

Os “proibidões” tocados nos bailes de favela começam a fazer parte da produção musical como forma de projeção artística já em meados da década de 1990, quando são proibidos vários bailes de briga em clubes da cidade. Como mencionei anteriormente, foi o momento em que os organizadores desses bailes promoveram os “festivais de galeras”, objetivando canalizar positivamente as rivalidades através de gincanas e, sobretudo, da realização de concursos musicais. Os funks que ganharam os festivais, em sua maioria, pediam a “paz” nos bailes. Ao etnografar esses festivais, Fátima Cecchetto (1997) verificou que, apesar de o movimento de conscientização pela paz ter ganhado força no circuito, a atuação dos “guerreiros” em brigas de galeras continuava a ser o clima excitante da competição – momentos conhecidos como “cinco minutinhos de alegria”.

Ligados a essa problematização pública da “paz”, e ante a criminalização do funk, alguns raps do Comando Vermelho (CV) surgem ressignificando a linguagem das galeras, utilizando termos como “alemão”, “invasão”, “bonde do mal”, “disposição”, “bonde destruidor”, usando igualmente o ritmo “pancadão” ou “batidão” – a mesma base da criação musical. No mesmo estilo dos “gritos” ou “montagens” de galeras, foi criado o hino do CV: “Alemão, tu passa mal, porque o Comando é vermelhó, vermelhóooo/É o bonde de disciplina, é o bonde destruidor... tem que ter disposição/Porque de dia e de noite, pode vir que a chapa é quente”. Trilhando a mesma

perspectiva, outros raps exaltam a facção e seus líderes, mapeiam as favelas onde atuam (ou atuavam) e descrevem a disposição violenta dos bandidos para “defender” a sua facção e seu território contra os “alemão”: a facção rival e o X-9 – também chamado de “mandado”, “Mister M” ou quem vem de “ninja disfarçado” para “caguetar”. Se, por um lado, diversas letras retratam o cotidiano violento de “guerra” entre facções e tiroteios com a polícia, por outro, as músicas vão enfatizar e celebrar o controle do território e a expectativa de rotinização desse controle através da *pacificação* das condutas.

O “pede a paz” nos bailes do “asfalto” é ressignificado nesse contexto. Na favela, a “paz” vira sinônimo de “lazer” e os bailes funk tornam-se o espaço-tempo contraneurótico onde todos podem conviver na “tranquilidade”. A categoria “sem neurose” exprime a idealização de um espaço social não conflitivo no qual é preciso ter uma conduta pacífica chamada “blindão”. A construção desse ambiente “sem neurose” requer as seguintes condições: (i) a regulação das condutas dos “valentes”; (ii) a eliminação do “alemão” do convívio social; (iii) e a difícil negociação do “arrego”, isto é, o pagamento de propina aos policiais, nesse caso específico para garantir que o baile funk ilegal aconteça. As letras a seguir discorrem sobre tais condições:

(i) Regulação das condutas/desqualificação dos valentes, tranquilidade e lazer nos bailes

(1) Se liga rapaziada, o cerco tá se fechando/Por causa do “corredor”, os bailes funk estão se acabando/Eles [*Estado/polícia*] estão bolados [*irritados*], querem nos prejudicar/Cabeça de passarinho, vou te dar uma ideia/Pare de vacilação, leve no *blindão* [*ter disciplina, seguir as regras*] que a coisa tá séria/*Sem neurose*, sem miséria, vou te alertar: baile funk na favela, não tem corredor, não pode brigar

(2) Não subestime o próximo, cada um com o seu cada um/Deus ajuda quem trabalha, na escola da vida você é mais um/Experiência se adquire na prática, Nova Holanda está sempre presente/(...) Vem pra Nova Holanda, tradição dos bailes que você vai se amarrar/Vem pra Nova Holanda, sou criado e moro lá (...) Na Nova Holanda é paz, tranquilidade, lazer no blindão/Ter conceito é responsa, baile funk é bom sem vacilação/Conquiste na disciplina a confiança dos irmãos/Quem sabe mostra na prática e não de fica de caô [*vacilo*] mandando sermão

(ii) Aniquilamento do “alemão” do convívio

(3) A ronda vai passar por aí/Se botar a cara tu vai cair/Não precisa nem gritar, o bonde vai te massacrar/O Gatão vem aí de AK/ Porque o bonde é pureza, é disposição/Não dá mole, não/Por isso não entra X-9 e nem vacilação/Seu otário, vacilão/É vermelho, os alemão tentou brotar!/Fazendinha vai detonar, pois é vermelho, é vermelho/Os alemão tentou brotar, [Morro da] Mineira vai detonar, pois é vermelho/Estou no Fallet e Fogueteiro [favelas localizadas no Centro da cidade], Mister M [X-9] não entra no Salgueiro [favela localizada na Zona Norte]/O bonde foi iluminado, foi por Deus do céu/Meu amigo, um dia vou no Borel [favela localizada na Zona Norte]/... Liberdade pros irmãos de vez/Soltar o Bangu I, Frei Caneca e o Bangu III/Os alemão tentou brotar, pá pum pá pum vai detonar, pois é vermelho/Destrava o fuzilção, destrava o fuzilção/Vamos lá nos alemão! [trocar tiros com a facção rival na fronteira territorial que divide as facções, chamada de “divisa”]

(iii) Perspectiva de pacificação: Baile funk como lazer da favela

(4) Vaza, porra! Tá com a boca amargando? Quer bala?/Mas só não pode correr, não adianta correr/Eu vou ficar do Azul [Morro Azul, localizado na Zona Sul] só de olho em você/Ô, Mister M!/Mas os amigos do Jaca [favela do Jacaré, Zona Norte] agem sem perder a fé/Pra poder botar o baile na “boca” Jacaré [entrada da favela]/Mas tem uns comédias que querem atrapalhar [policiais]/Quando a equipe está montada eles mandam desmontar/Com o morro tampado não posso trabalhar/Mas o “arrego” [propina] é humilde e eles não querem aceitar/Eu já falei com o coronel, já dei um toque no tenente/ Se não aceitar o “arrego” eu vou descarregar o pente/De segunda à sexta só esporro do patrão/Chega no fim de semana nós queremos a diversão/Curtir um baile funk, tirar onda no pagode/Será que isso é proibido? Ai meu Deus, como pode?/Uma área tão linda, uma vista grande e bela/Pra curtir alguma coisa tem que sair da favela?/ Eu sou um sofredor, ai meu Deus, como pode?/Eles estão me sufocando tá me batendo neurose/Mas se a gente ligar e “desenrolar”/Na favela do Jacaré o baile tem que rolar/Pega esse “arrego”, saia logo voado/Senão mato vocês, cambadas de arrombado/Mas vocês só me sufocam/Querem muita grana/Vou pegar o G3 e “barulhar” o Santana/Pois eu já me bolei e vou perder a linha/Vai ser várias rajadas em cima do Gol “bolinha” [modelo de viatura policial]

(5) Eu tô bolado, tu sabe como é!/Lotado de verme na favela do Jacaré/Olha meu amigo, nós não aguentamos o golpe/A favela tá preta, tá cheia de Bope/Olha meu amigo, você pode acreditar/Não tem outra solução a bala vai ter que cantar/Eu não quero isso você pode perceber/Os vermes têm que sair de lá pra área virar de lazer/Nós somos antiterror, seguimos o ritmo do criador

(6) Domingo vou pro Recajá [*Jacaré*]/Com os irmãos fechar, Jacaré lazer/E dar um rolê bolado e esquecer de tudo/Todos os caô que até hoje me faz sofrer/Eu tô com a família, não tem simpatia/E o bagulho hoje já tranquilizou/Estar aqui de novo faz parte da vida/Bate forte o coração no Jacaré/No comando do povão/Compadre, o que aconteceu? Neurose em mim não bateu !!! (...) O bonde é só menor sagaz e a facção é o lazer/Comando do povão, o Jacaré lazer

As narrativas sobre o crime violento e sua realidade nos morros são tematizadas nos bailes de favela oferecendo o contexto de produção para a criação musical e a projeção artística. Como demonstra Mylene Mizrahi (2010), o funk tem uma *lógica apropriativa* de criação que conscientemente valoriza a “mente” criativa em seu potencial de manipulação dos elementos culturais oferecidos na sociedade. O estilo musical possui um mecanismo específico de apropriação do social ao focar e aproximar produção e consumo no circuito existente, explicitando o caráter interdependente entre autonomia individual e sociedade (MIZRAHI, 2010, p. 91). Nesse sentido, o circuito de bailes ilegais em favelas vai inspirar as mentes criativas que, com pouco espaço de atuação no “asfalto”, ganham destaque e reconhecimento nas favelas. Como observa a autora, a favela tem um papel fundamental de difusão do funk, onde as músicas que farão sucesso entrarão no mercado ilegal até a inserção nos repertórios de programas de rádio e TV.

Mergulhadas em tal procedimento e lógica criativa, as letras proibidas (de facção e de pornografia) vão ganhando uma versão liberada e os termos ganham duplo sentido, entre o sexual e o violento (MATTOS, 2006). A palavra “neurose” deixa o sentido de perturbação e violência para expressar o impacto positivo de um comportamento ou coisa – um corte de cabelo “neurótico”, por exemplo. Como marca estilística, a “favela” “proibida” é fonte de um estilo diferenciador que Mizrahi chama de *hyper-realista*, em que a elaboração do real se dá pela *estratégia do chocar*, ou por meio do que chamei de *performances proibidas*, ao me referir ao “ritmo” valorizado nesses eventos culturais (MATTOS, 2006).

Da disposição ‘guerreira’ e ‘neurótica’: excitação, lazer e alteridade

Sou da Nova Holanda e tenho disposição
Você que é da Baixa vem fazer na mão⁹

9 Música que conheci na Nova Holanda no final da década de 1980, onde fui criada e morei há mais de 20 anos. A frase expressa a rixa entre duas galeras de favelas vizinhas na Maré: Nova Holanda x Baixa do Sapateiro. Nessa época, a Universidade Federal do Rio de Janeiro organizava a colônia de férias do Fundão para jovens entre 9 e 15 anos moradores das favelas da Maré. Particpei em 1988, 1989 e 1990. A universidade enviava ônibus em vários pontos da Maré às 7h para nos levar e nos traziam às 17h, de segunda a sexta, durante todo o mês de janeiro. No curto percurso do ônibus eram cantadas essas rivalidades entre grupos da Maré associados a bailes funk.

10 Os interlocutores da pesquisa, apresentados com nomes fictícios, são amigos conhecidos da Nova Holanda, alguns da época de adolescência.

11 A fama da galera da Nova Holanda é celebrada em uma “montagem de galeras” (música funk específica sobre esses grupos): “O Lado B quem manda? É a Novô Holanda, é a Novô Holanda!”

12 Relato do ex-líder da galera de Boaçu, em São Gonçalo, sobre o Baile do Chaparral, em entrevista realizada em Jardim Catarina, Região Metropolitana, em 2005 (MATTOS, 2006).

13 Para imagens do Baile do Chaparral, ver Geleia DJ ZZ (15/05/2008).

Nando, Michele e Silva¹⁰ relatam suas experiências de briga no período de 1987 a 1996, no Baile de Bonsucesso, momento em que integraram a galera da Nova Holanda (NH), até a sua interdição. Esse baile era realizado no clube de Bonsucesso em área considerada “asfalto”, ou seja, território “neutro” em relação ao local de moradia dos membros das galeras que lá atuavam: Morro do Adeus, Penhão, Coahb, Vila do João, Parque União, Roquete Pinto, Vila “do Pinheiro” (uma das favelas da Maré, cujo nome oficial é Conjunto Vila dos Pinheiros) etc. Em outros bailes da cidade, como Coleginho de Irajá, Pavunense, CCIP de Pilares e Country Clube de Heliópolis, os integrantes da NH atuavam com as galeras amigas do Lado B. Mas o baile de Bonsucesso foi o lugar onde esse grupo ganhou visibilidade no Lado B pelas suas atividades bem-sucedidas na competição/briga contra o seu principal rival¹¹: a galera do Adeus (Morro do Adeus, Complexo do Alemão).

Quando “O Bonsucesso” foi fechado, em 1996, alguns integrantes pararam de brigar nos “corredores”, como Michele. Mais tarde, o grupo da NH voltou com força a defender o Lado B no Baile do Chaparral, realizado no galpão abandonado de uma extinta fábrica na Avenida Brasil, em Ramos. Segundo os interlocutores da pesquisa, o Chaparral tornou-se um dos bailes mais “violentos” do Rio, onde alguns jovens envolvidos com traficantes defendiam a facção que atuava na favela em que moravam. Por essa razão, algumas galeras visitantes tinham entre seus “guerreiros” um integrante armado – o “neurótico” – para fazer cobertura a seu grupo em caso de troca de tiros na saída do evento¹². Integrante de uma nova geração de bailes mais “violentos”, Charles narra suas experiências de briga e conflito no Chaparral entre 1995 e 1999, no momento em que descreve a emergência da “neurose” como situação e comportamento violento¹³.

A *disposição* guerreira envolve técnicas corporais de lutas que ritualizam o potencial de força e coragem na defesa de seu território e na construção de uma rede de amizades. O confronto entre galeras era fruto da valorização de pequenas diferenças entre os grupos amigos e rivais – rivalidade entre escolas, líderes e até mesmo rixas imemoriais. O espaço dentro dos clubes tinha uma fronteira, chamada de “corredor”, que dividia e institucionalizava as brigas em dois grandes lados: Lado A e Lado B. Nos “corredores” se davam os embates físicos e rituais (através de gritos e danças) entre uma minoria “guerreira” disposta a bater no “alemão”. Nesse espaço limítrofe e conflituoso também se posicionavam os seguranças do clube para a regulação dos momentos das agressões, proporcionando, assim, um ambiente controlado da “violência” para a entrada no front da “guerra” entre rivais.

Nando e Silva relacionam as brigas à diversão coletiva:

Ah, como posso explicar... o nosso “bonde” [*grupo de amigos*] pulando e se divertindo, aí dava um soco na cara de um. Aquilo era a maior alegria que tinha no mundo! (Nando).

Tem muitos que vão por brincadeira, pra se divertir (...) Não precisa ter motivo. (Silva).

Os jovens narram suas experiências passadas, buscando justificar suas ações e suas razões sobre o envolvimento em brigas nesses bailes. Ao falarem dos motivos e dos seus sentimentos, também falam de uma fase de suas vidas na qual as brigas eram percebidas como uma forma de lazer aprendida quando tinham 12 e 13 anos de idade. Todos, contrariando suas mães, narram a primeira vez como um acontecimento transgressor:

Eu tinha 12 anos na época. Foi através das minhas colegas. Antigamente eu ficava ouvindo funk em casa, aí as garotas falavam “vamos para o baile”, aí eu falava “a minha mãe não deixa”. Uma vez a minha colega pediu para a minha mãe pra eu ir ao baile, isso foi na Nova Holanda na época, eu fui e gostei. Comecei a ir pro baile só ali mesmo, perto de casa. Aí teve um dia que a minha colega me chamou para o Bonsucesso [*baile em clube fora da favela*]. Lá era muita briga. Gostei, adorei, senti o gostinho de brigar e fui indo até os 16 anos... [*antes não saía*] minha mãe não deixava eu sair... [*quando começaram as brigas*] botei na minha cabeça que eu só tinha 12 anos, que

eu tinha mais é que estudar. Mas, depois comecei a curtir bailes e a estudar ao mesmo tempo e, por causa desse negócio de briga, eu parei de estudar. Por causa de galeras arrumando briga. Eu estudava perto do Morro do Adeus, aí as meninas do Morro do Adeus me fez correr bastante. Mas no dia que elas me pegaram, elas me arrebetaram todinha [*risadas*]. (Michele)

[*Quando você começou a gostar de funk? O que você curtia antes?*]
Não fazia nada. Eram os moleques mesmo, era influência de adolescente. Então foi assim, antes da minha mãe falecer, eu pedi pra ir ao baile e ela deixou. Depois pedi pela segunda vez e ela não deixou mais. Depois, quando ela faleceu, eu comecei a desandar. (Silva)

Eu comecei a curtir baile funk, eu tinha 13 anos. Os meu colegas que pediam a minha mãe pra eu ir, aí a minha mãe deixava, sozinho eu não ia. Lá em casa é só eu e a minha irmã. Eu sou mais velho que a minha irmã. Eu que levei a minha irmã pro baile. Os garotos lá da rua sempre foi funkeiro, aí nessa empolgação eu ia com eles. (Nando)

A interação entre competidores de galeras estava baseada em laços de interdependência segmentar entre indivíduos que compartilham um grau mínimo de rotinização do lazer – organizando encontros, passeios, festas, competições, combinados de rixas e alianças:

[*Você e a sua galera da Nova Holanda estavam sempre se encontrando?*]

A gente não era colega de colégio porque elas estudavam em colégio na comunidade e eu sempre estudei fora, mas além de ir para baile, a gente convivia juntas porque todo mundo morava perto, na mesma rua. E a gente conversava muito o que ia fazer domingo, porque o baile de galera era mais no dia de domingo. A gente sempre conversava o que ia fazer porque, além das brigas, tinha o festival de galeras, então a gente tinha que se reunir pra ver o que ia fazer na semana.

[*Tinha um líder?*]

Tinha e, principalmente, o líder também brigava e não podia porque tirava ponto e a Nova Holanda sempre perdia! Então a gente fazia as coisas por zoação. (Michele)

[*Como era o grupo?*]

No grupo sempre tem um líder, então esse líder no funk era chamado de líder de galeras. No baile tinha gincana pra receber prêmios durante três ou quatro meses, então o líder promovia o negócio e sempre tinha aquele pessoal que segue ele, que era o pessoal de briga, era a minoria. Quando tinha que ser a maior galera do baile pra ganhar o maior ponto, aí sim ele chamava todo mundo pra ir todos juntos. Fora isso todo mundo só se encontrava dentro do baile, indo cada um com o seu grupo. (Silva)

No livro de Dunning e Elias sobre “excitação e lazer” os autores dão especial destaque ao *espectro do tempo livre* para a compreensão dos modos de apropriação subjetiva do tempo em torno das regularidades da vida diária, em que o lazer surge como um enclave nas rotinas de trabalho profissional e nas rotinas de tempo livre. Eles estabelecem uma tipologia das várias atividades de tempo livre como um “espectro” do qual faz parte o lazer em sua dimensão de “agradável destruição da rotina”, ou excitação proporcionada pelo risco de desafiar a vida rotineira¹⁴.

Os jovens falam sobre o interesse em seguir uma rotina de lazer na qual o status de briga era fonte de reconhecimento social e diversão. Para Michele, brigar no baile era uma forma de ser “bem-vista” e de ter “moral”:

Ah, não vamos implicar com essa garota não porque ela bate pra caramba, arrebenta a gente, vamos nas covardes, aquelas mais medrosas. Aí, eu queria ter essa moral também, né [risadas]? Aí eu fui e comecei a brigar. (...) As garotas me chamavam de Capeta, porque eu era perturbada no baile. Eu brigava até com homem.

O reconhecimento da valentia como fonte de autoestima também é justificado por Charles:

Eu comecei a curtir baile porque eu via os garotos lá [na favela Nova Holanda]... Eu sempre fui oprimido! Minha vida era de casa para escola, da escola pra casa e igreja. Mas aí eu comecei a ver os garotos que se criaram comigo lá na rua que as mães davam assim “liberdade”, entre aspas, pra, por exemplo, ficar na rua brincando com os outros garotos. Eles começaram a ficar mais brabos e eles eram mais respeitados dentro da comunidade. Aí eu fui procurar saber por que acontecia isso. Quando eu fui vê, era porque eles brigavam em baile funk, então os caras tava conseguindo ganhar nome. A gente tinha

14 Definição do fio teórico de “espectro” do lazer no tempo livre: “como cores no espectro das cores, se confundem entre si; sobre-põem-se e fundem-se com frequência. Muitas vezes, combinam características de várias categorias. Mas as propriedades de tais amálgamas, de todas as fronteiras e tipos de transição, só podem ser compreendidas a partir de suas próprias características” (ELIAS e DUNNING, 1982, p. 146).

que fazer nome, senão, os garotos assim, que a mãe não dava educação, que a mãe deixava largado e o mundo criava, eles botavam o terror na gente (...) a nossa mãe ia baixar a cabeça, e a gente também ia entrar pra dentro [de casa], criado no ritmo da igreja (...) Eles não, eles tinham uma vida de favelado, mesmo, de jogado na rua, andar descalço, sem camisa, pular a laje dos outros, invadir casa. Aí eu falei: por que eles são o terror da comunidade? (...) Não! Vou mostrar que eu tenho voz! Comecei a ir pro baile de briga e comecei a encarar eles.

Para Charles, está em questão a sua “liberdade” e o controle sobre o seu comportamento, mais especificamente da mãe, da escola e da igreja. São dois “ritmos” para o sujeito (homem) escolher: o “ritmo da igreja” ou o “ritmo da rua”, este último significando o lugar dos garotos “criados no mundo”, ou seja, o lugar da imposição do mais forte. Conforme destaca Micael Herschmann, embora as brigas fossem a principal referência na organização das galeras ou bondes, havia outros interesses de participação. Dentre eles, considero o ideal de segurança um importante indicador que liga um segmento jovem a certa forma de mobilidade urbana ou, como coloca Charles, de seguir “o ritmo da rua”. Alguns afirmaram só se sentir seguros no seu bairro, junto à sua comunidade, e que quando vão às praias, bailes de clube e estádios de futebol, o mais prudente é estar entre amigo (HERSCMANN, 2000, p. 165).

Charles começou a frequentar o Baile do Chaparral em 1999 representando a galera da Nova Holanda, Lado B do “corredor”. Logo de início, ele se espelhou em um perfil, dentre os “guerreiros”, conhecido como “neurótico”:

Os caras que batiam mais, que chamavam os caras pro duelo, os caras que não davam mole pra ninguém, batiam até em segurança. Viu, esse era o cara neurótico.

Mais do que representar a sua galera, o “neurótico” tinha o propósito de liderança e, para isso, precisava ser reconhecido como alguém que, independentemente de seu grupo, era destemido, “devastava no baile, o que não dava mole pra ninguém”. Com o objetivo de ganhar reconhecimento social através da capacidade individual de se impor pela força, Charles diz que passou para um subgrupo visto como o espaço dos “problemáticos” ou “delinquentes”, um tipo fora da lei que não consegue servir ao coletivo:

Eu queria ser o mais neurótico. Eu comecei a desafiar os outros no corredor, comecei a chamar pro duelo mano-a-mano. Eu queria ser reconhecido como alguma coisa, entendeu? Os caras que tinham medo de encarar o duelo mano-a-mano, eles eram vistos como nada, entendeu, só iam pro baile de corredor quando a massa ia, mas quando era sozinho, sei lá, tripidavam, tinham medo. E já os caras que encaravam era assim “caraca, olha aquele cara”, era tipo um herói, o cara que mandava na parada. Aí comecei a entrar pro corredor dos problemáticos, dos delinquentes.

[Problemático em que sentido?]

Era assim porque na hora de falar pela equipe, pelo grupo, eles eram a voz do grupo, entendeu? Ninguém falava não, se falasse um não para o problemático, aí já era “ih, qual é o teu problema comigo? Ê rapa, vê legal, se liga na tua resposta”. Aí o cara já era neurótico e todo mundo começava a colocar o galho dentro pra ele. Eu não queria botar o galho dentro pra ninguém, eu queria ser o cara bem visto.

O “neurótico” é classificado como o rapaz que sempre quer se impor ao grupo. Em suas palavras, “é o problemático” no baile e dentro da sua galera. Importante notar como Charles focaliza a dimensão psicológica e individualista dos “neuróticos”, pois está falando de si próprio, da sua autoconstituição como “neurótico”. Agora, interessa-nos pôr em relevo sua visão sobre projeto individual. Utilizo a noção de projeto individual seguindo a definição de Gilberto Velho, elaborada a partir de Alfred Schütz: como uma “tentativa consciente de dar um sentido ou uma coerência” às experiências fragmentadoras, em que a biografia deva aparecer como um locus privilegiado da vida emocional (VELHO, 1987, pp. 29-31). O olhar retrospectivo de Charles almeja enquadrar todas as suas ações e intenções em um projeto reflexivamente construído que acredita no indivíduo autônomo e responsável pela construção e controle de sua imagem pública. Charles fala sistematicamente em “promoção de autoimagem” que se pretendia pouco controlada pelo grupo. A sua identidade de “neurótico” encontrou suporte em outros grupos, o do “ladrão 155”¹⁵ e o da facção Comando Vermelho. Ser “neurótico” no baile de galeras e ser “neurótico” como bandido ou ladrão têm em comum a necessidade que o agente sente de controlar as situações pela obsessão de estar pronto para os “problemas”. Contudo, é onde o tráfico impõe suas regras de conduta, ou seja, nas favelas, que o “neurótico” pode encontrar meios mais eficazes de realização plena da sensação de potência e de total “liberdade”, como veremos a seguir.

15 Referência ao artigo penal que enquadra os crimes de roubo sem agressão física à vítima.

Da valentia à neurose

As brigas entre galeras, antes apresentadas como diversão e parte integrante da festa, começam a virar um fator impeditivo dos bailes e são percebidas como um fenômeno que gera mais violência. As interações conflituosas tornam-se cada vez mais violentas, indicando uma situação perturbadora de maior risco quando passa a ser comum o uso da arma de fogo – adquirida através do tráfico – para a resolução “violenta” de um desentendimento, como observa Silva:

Hoje em dia, se não me engano, de 2000 pra cá, o baile está sendo muito concentrado em comunidade [*quer dizer que acontecem em territórios denominados “favelas” ou “comunidades”*] e antes não, antes era em clube e clube saía briga (...) Antigamente, tomava porrada só, hoje em dia não, hoje em dia ia morrer. Hoje em dia é matar mesmo. Hoje em dia tá muito “neurótico”: é alemão? Bora matar! É alemão? Bora bater e dar sumiço! (...) No baile funk, nego dava porrada, brigava na rua, saía correndo, quem tivesse perdendo saía correndo e pronto. Hoje em dia é na base da bala.

Além do fácil acesso à arma de fogo para alguns integrantes de galeras, outra novidade tem relação com a nova definição de “alemão”. Antes, o “alemão” era a galera de determinado lugar. Depois, a rivalidade passou a ter por referência as facções do crime. Esse segundo momento refere-se ao final da década de 1990 e à fase de declínio desse tipo de organização em grupos em torno dos bailes funk. Mudam a configuração de alianças e os motivos das rixas, pois duas comunidades/galeras que antes eram “amigas”, do mesmo “lado”, viram “inimigas” porque as comunidades são dominadas por facções rivais. Essa é uma situação mais estrutural de interferência do tráfico entre as galeras que todos os integrantes tinham que respeitar, independentemente de suas vontades. Então, por que essas rivalidades inauguram uma fase mais violenta? Não me refiro a um padrão coletivo de conduta generalizado das galeras, e sim às identificações e aos comportamentos individuais de membros dentro de seus grupos – chamados “neuróticos” –, que focam a sua atenção para a nova definição de “alemão”, criada entre as fronteiras territoriais e simbólicas da disputa entre facções

e/ou, no caso de Charles, que visava à fama individual. Em narrativa detalhada, ele explora a relação possível entre o “neurótico” dos bailes de galera e a “neurose” gerada pela incerteza de qual lado representar.

Como vimos, a atuação de Charles se deu no Baile do Chaparral entre 1995 e 1999, quando se filiou a um grupo de “problemáticos” ou “neuróticos” reconhecidos pela “disposição” violenta. Em um primeiro momento, época em que ainda prevalecia o valor da representação das galeras nos chamados “festivais de galeras”, a “neurose” não apareceu associada à facção, e sim ao comportamento violento do “neurótico”. Segundo Charles, a própria equipe que organizava o baile e promovia o festival escolhia o representante de galera segundo a sua “disposição” “neurótica”, desrespeitando a eleição do líder por cada grupo. Ele lembra que o termo surgiu colado à facção em 1998, quando se deu uma reunião entre líderes “neuróticos” das galeras da Nova Holanda, do Parque União, da Kelson e da Cidade Alta com um “representante” do Comando Vermelho. O encontro foi marcado para resolver o que Charles chamou de “neurose da Cidade Alta”, decorrente de sua resistência em aceitar a nova regra de rivalidade ditada pela “guerra” entre facções, segundo a qual o Lado B passou a ser Comando Vermelho e o Lado A, Terceiro Comando. De acordo com esse parâmetro, a briga entre as galeras da Nova Holanda (antigo Lado B) e da Cidade Alta (antigo Lado A) deveria acabar. Contudo, nos “corredores” a galera da Cidade Alta não se aliava à Nova Holanda contra a galera de Parada de Lucas (antigo Lado A), ao contrário, quando não partiam para a briga contra a Nova Holanda faziam vista grossa em relação à vantagem de Lucas no embate. Essa confusão de Lado A e Lado B passou a atrapalhar o circuito de bailes de favela já divididos segundo a facção criminosa, onde o “alemão” deveria ser expulso do convívio. Vejamos como Charles articula esses fatos:

Quase já não existia mais Lado A e Lado B, porque Lucas era Lado A e Cidade Alta era Lado A, mas Cidade Alta era Comando Vermelho e Lucas era outra facção rival no tráfico, o Terceiro Comando. Então, já estava começando as neuroses da Cidade Alta, [continuar] não brigar com Lucas, mas brigar com a gente da Nova Holanda, e acontecia direto em bailes. Aí a gente continuava brigando; na verdade, a gente não entendia mais nada, eu apanhava dos moleques de Lucas, o pessoal da Cidade Alta via a gente apanhando e não fazia

nada e iam pro baile da Nova Holanda [*baile de favela*] e eu ia pro baile da Cidade Alta. E lá eles apertavam a minha mão e eu não entendia nada, eu falava: "Porra, esses moleques são o maior alemão, são Lado A, bate na gente e depois vem apertar a mão". Aí, nessa época, o tráfico começou a intervir nos bailes de briga. De 98 pra cá já começou essa influência; a gente já não tinha mais liberdade de declarar o que é o que a gente queria ser, tinha que ser por opção deles, sem liberdade. E foi assim até acabar o baile de corredor.

[*Essa intervenção se deu como?*]

Eu me lembro que os caras [*lideranças de galera*] da Nova Holanda foram lá na Cidade Alta, junto com o pessoal da Kelson, que também era Comando Vermelho e era Lado B e brigava junto com a Nova Holanda e o Parque União. Aí foi essa galera com um representante de baile, mas não representando o baile e sim o Comando Vermelho, na Cidade Alta, e falou que se o pessoal da Cidade Alta brigasse de novo com o pessoal da Nova Holanda, ia tomar tiro, os caras já iam mandar tiro em cima deles quando eles saíssem do baile. Foi quando teve a separação, foi quando começou a acabar com os bailes porque começou a cortar laços de amizade, começou a influenciar em uma porção de coisas e começou também a *neurose* "se eu for lá será que os caras vão me pegar?" E começou a *neurose* de um não poder frequentar a área do outro e assim se extinguiu o nosso trajeto. Eu me lembro que na época do arrastão foi Lado A e Lado B juntos. Foi a massa todinha. Todo mundo invadindo a praia. Depois disso [*influência da facção*], algumas praias ficaram mais restritas, mais restritas do que já é, por exemplo, o Arpoador, no Posto 8 ficou um lance muito doido devido a essa briga de facção dentro de baile, porque quando o Lado A e Lado B não representavam facção, mas só as galeras, todo mundo podia frequentar o Posto 8. Vila do Pinheiro [*Lado A/Terceiro Comando*] frequentava o Posto 8. Depois que o Comando Vermelho assumiu os bailes, a gente já começou a expulsar o pessoal do Pinheiro, a expulsar o pessoal de Lucas, o Posto 8 virou só do Comando Vermelho.

Após o fechamento do Baile do Chaparral, em 1999, Charles foi algumas vezes a outros clubes de "corredor" na Baixada Fluminense, onde ainda restaram alguns bailes de galeras após a interdição de grande parte desses eventos no circuito funk carioca. A repressão violenta da polícia também é apontada como um elemento importante que impediu a continuidade desses bailes e de sua participação:

Pra mim e pra maioria do pessoal mudou [*após a interdição do Chaparral*]. Ainda tinha alguns bailes de briga, só que eram discriminados, por quê? Porque era o seguinte, os ônibus de briga saíam muito cheios, a polícia parava o ônibus de briga, às vezes eles faziam o ônibus voltar, às vezes dava porrada. Teve uma vez que eu estava indo para o Pavunense, acharam um coturno, uma bota do exército dentro do ônibus, foi todo mundo pra delegacia, entramos na porrada, os policiais falaram assim: “Ah, vocês gostam de bater em baile? Então vamos ver se vocês gostam de apanhar!” E botaram a gente sentado, deram um banho na gente de borracha de bombeiro, bateram e fez a gente voltar pra casa só de bermuda, descalço. Começou a ter opressão, o pessoal começou a ficar com medo de ir pro baile de briga, porque na entrada da favela tinha blitz, no Piscinão [*Maré*] tinha blitz e era caminho para baile. (Charles)

Além disso, a necessidade de “mostrar nome”, como um “ritmo de ser”, é a razão pessoal que incidiu diretamente no desinteresse de Charles em deixar de brigar em galeras. A percepção sobre a situação de Charles nos ajuda a compreender como a “neurose” se tornou seu projeto individual:

Eu não fui mais em baile de clube. De 99 pra cá, eu e uma galera bem grande paramos com baile de clube. (...) porque a gente tinha um ritmo, um ritmo de ser, a gente tinha que mostrar nome, e ali a gente só representava a galera, no concurso de galera, (...) isso pra gente não era interessante, entendeu, a gente não se promovia ali, não era mais bem-visto, era mais bem-vista a galera (...) Depois do concurso de galera a gente caiu no esquecimento. Já não era mais o cara que batia, era a galera que ele representava. Então o cara já não era mais lucro. Eu vou brigar lá, vou fazer, suar a minha camisa, levantando bola pra todo mundo ganhar nome? Não. Vou ficar promovendo os outros? Eu vou me autpromover. Cada um tinha que ser por si, era um por si e Deus por todos.

Desde que o Baile de Bonsucesso fechou, em 1996, Michele parou com as brigas e passou a valorizar as músicas, os shows, as novas amizades e a sua conquista amorosa no baile chamado de “normal” na Baixada Fluminense:

Hoje penso assim, que baile funk tem várias maneiras de você curtir. Antes eu ia pra baile pra brigar, hoje não, eu vou pra namorar. No baile funk eu arrumei um namorado e hoje eu tô casada. Vou pros meus bailes ainda, mas o baile hoje mudou muito, nem baile funk não é, é mais agora negócio de facção, é um querendo esculachar a favela do outro, por isso que eu não gosto de curtir o baile da favela porque *eu já era*

neurótica, né, com o negócio de Lado A, Lado B... agora, se eu curtir baile de favela, eu vou ficar mais neurótica: "Ah, eu não vou mais entrar na área de Terceiro porque eu sou Comando"; porque pessoa que curte baile de favela faz isso, "eu sou Comando não sei o quê ... bah", começa a falar com aquelas gírias, vai e começa a influir em muitas coisas.

Para Michele, curtir baile de favela influencia a maneira de a pessoa se expressar e agir segundo as regras das facções. Michele vê um descompasso entre as regras estabelecidas nos bailes de favela e a sua personalidade, o que pode tornar a sua diversão um fator de risco:

É, porque é o seguinte: eu tenho o pavio muito curto, não sei quem eu puxei na minha família, se mexer comigo, eu quero ir atrás do prejuízo. Eu nunca levei desaforo pra casa, graças a Deus, e hoje em dia em baile de favela, se brigar, raspa a cabeça e ainda ganha tiro no pé e ainda fica de castigo [*referindo-se aqui às possíveis punições da facção do tráfico que domina sua localidade*]. Imagina que desgosto eu ia dar pra minha família! Eu trabalho, graças a Deus, já pensou eu ficar de castigo sem direito de fazer nada, tendo que ficar três meses dentro de casa. Por isso que eu não curto baile de favela, porque se as garotas quiser tirar onda [*desafiá-la*] com a minha cara, sei lá quem é ela, se é mulher de bandido. Eu não vou querer saber se é mulher de bandido [*quer dizer que vai bater nela*], por isso que eu não vou.

Já para Nando e Silva, o risco de violência está nos lugares considerados áreas “neutras”, quer dizer, fora da favela, nos locais classificados de “asfalto”. Ambos demonstram suas preferências pelos bailes em favelas que sejam da mesma facção que atua em sua comunidade. Embora não sejam envolvidos e nem “neuróticos”, eles têm uma apreciação pelo funks “proibidos”. Nando e Silva compreendem que suas preferências por esses bailes e por essas músicas se justificam por acreditarem que retratam o cotidiano das favelas, sem que isso signifique uma influência do tráfico em suas vidas. Tal influência só teria sentido para “quem não sabe dividir as coisas” (Silva). Ter vontade própria e “saber não se misturar” (Nando) revela a crença na autonomia do indivíduo frente a determinado contexto social. Contudo, tal perspectiva parece não dar conta das situações envolventes, que estão para além da escolha racional e consciente de saber lidar e jogar com as regras impostas. “Saber dividir as coisas” é possível somente dentro dos limites seguros dos

territórios do CV, caso contrário, sentirão “neurose”: sensação perturbadora pela antecipação da “violência” em lugares nos quais eles acreditam que podem ser alvos¹⁶. Suas preferências pelas músicas e bailes da facção, todas do Comando Vermelho, expressam esses limites, como indica a entrevista de Nando:

O que eu curto no baile funk hoje em dia é só rap, a maioria que toca, tudo é rap proibido. Aonde eu gosto! Se não tivesse rap proibido, acho que eu já tinha parado. É a realidade que acontece na favela. No caso, uma favela é da mesma facção que a outra, essas duas comunidades não podem brigar, tá entendendo, têm que respeitar uma e outra. Antigamente, brigavam, hoje em dia não pode. No caso de ir para qualquer baile, exemplo, se eu for pro baile de Vila Kennedy, pra mim [*não dá para*] ir tranquilo, *vai bater neurose*. Por quê? Porque passa em comunidade que é inimiga com a daqui, tá entendendo? Não posso curtir um baile na comunidade rival, ou de guerra com outras que curto. Ou eu tô arriscado a morrer lá ou tô arriscado a morrer aqui. Aí a gente tem que evitar, curtir o baile aonde a minha comunidade possa ir.

[*Caso aconteça uma neurose assim, o argumento para desenrolar é muito difícil? Como ser trabalhador? Ainda existe essa possibilidade?*] Se for aquele *trabalhador neurótico*, que é *trabalhador bandido*... trabalhador bandido, que eu quero dizer, é aquele trabalhador que trabalha e só vive com gíria na boca, falando gíria, aquele que anda com ginga de bandido, fala com a bandidagem. Aí isso já fica meio difícil de explicar.

Nando e Silva gostam de bailes em favelas do Comando Vermelho e gostam de “proibições” como uma forma de conhecer a realidade em que vivem. Tal comportamento de adaptação – andar no “blindão” – é aconselhado em alguns raps “proibidos” e considerado uma forma de evitar a “neurose” – desconfiança, incerteza de estar seguindo as regras. Condições estas que constroem um espaço de “paz”, “cultura” e “lazer”. Fazendo outro percurso, Charles se associou ao tráfico em episódios de intensa violência entre facções rivais. Primeiro, entrou para a “boca-de-fumo” reafirmando a sua fama de “neurótico”, reconstruindo e “controlando” a sua imagem pública para ser “reconhecido na comunidade” e pelas garotas, primeiro como ladrão, depois como traficante. Ele diz que esse era o seu projeto para se promover como “o cara”, ainda em torno da fama previamente construída do “problemático” dentro de sua galera. O seu projeto de ser “neurótico”, que teve início nos bailes de galeras funk, encontrou maiores chances de afirmação no tráfico. Como bandido,

16 Intrínseca à dimensão psicossocial da “neurose”, a violência antecipada aparece como dispositivo mental da segregação, discussão atual da minha pesquisa de doutorado. Sobre as antecipações da violência nos processos de identificação, circulação e segregação, ver: Jegannatham (2004). Ver também, sobre o material do nervoso e interpretações do estado físico-moral da pessoa: Duarte (1986).

Charles deveria seguir outro caminho, participando de situações que exigem atividades constantes de violência. O aumento do emprego e das disposições para a violência tem a ver com o contexto da “guerra” entre facções e uso de armamentos potentes, como descreve:

O que acontece, quando eu formei na boca de vez e eu me declarei traficante, não tinha mais como, eu tinha que fazer uma outra imagem, eu já tinha que ter o nome no rap como o cara no tráfico, o cara que era o bambambã, então o que eu comecei a fazer? Comecei a ir pra pista pra buscar carro armado, comecei a participar de invasões de favelas de alemão, tomar a favela dos outros. Pra ser reconhecido, *eu fiquei mais neurótico* ainda, entendeu?

Levar o nome da facção parece sugerir uma transformação subjetiva no modo como Charles se insere nas relações sociais, modificando a forma como se vivenciam os laços pessoais. Como “neurótico” no tráfico, ele parece experimentar uma contradição interna, na medida em que, por um lado, almeja o reconhecimento social, mas, por outro, desconfia, desqualifica as pessoas que se aproximam dele:

[Dá uns exemplos da neurose no tráfico. E ser neurótico, como era?]

Por exemplo, se eu era um cara neurótico... lá favela tem muito morador que rende homenagem pra vagabundo. E não é nada. Eu olhava assim... e um morador passava “oi fulano, como tu tá, tranquilo?” Eu, “tranquilo”. E, por exemplo, vinha um amigo de fora, eu falava “Alá, tá vendo, é o maior comédia fudido, não é porra nenhuma, não pode me ver que quer apertar a minha mão, quer render homenagem pra mim”. Eu já cansei de menosprezar morador na comunidade assim.

[Você acha que as pessoas fazem isso por quê?]

Tem pessoas que também querem se promover em cima disso, na verdade, é isso que eu te falei, todo mundo quer criar nome, todo mundo quer ser visto como alguma coisa, nem que seja como puxa-saco do bandido, todo mundo quer ser visto, quer ter o seu respeito na favela.

Diferentemente de Charles, os outros interlocutores não se consideram “neuróticos”. Isso é um dado relevante por ligá-los a uma concepção relacional ou holística. Tal perspectiva fica evidente quando o envolvimento em situações de conflito social é narrado como parte de um contexto, no qual se faz presente uma avaliação da atitude do “outro”. A concepção “guerreira” do conflito está ligada à antiga rivalidade entre galeras funk. Nesse contexto, as agressões

físicas são usadas visando a um sentido maior para além da afirmação individual do “valente”, qual seja, o de projetar o grupo ou o nome de sua comunidade. Também diz respeito a uma concepção baseada em uma “identidade-nós” mais flexível e tolerante com o “outro”, pois o “alemão”, além de frequentar o mesmo evento e ser esperado, poderia se tornar “amigo”, dependendo das negociações entre os grupos. Em tal perspectiva relacional, o “outro”, o “alemão”, pode ser aliviado/protegido se estiver em uma situação de desvantagem, como descreve Silva: “Se eu tiver saindo com uma galera, e se for pra pegar um moleque só, é a maior judiaria, mas, se for mais de um, eu ajudo a bater. Eu posso até defender, se for um só”.

Justamente por não ser “neurótico”, Silva avalia a situação da “neurose” dentro das favelas através da lógica relacional, mas, paradoxalmente, tenta conciliar a sua visão “guerreira” à nova ideia do “alemão”. Por um lado, ele diz não gostar de “terceiro” – de quem mora em área de Terceiro Comando –, expressando sua adaptação às rivalidades criadas entre facções. Por outro lado, ele consegue se pôr no lugar do “outro” – o “terceiro” – e descreve de modo distanciado e crítico a produção da “neurose”:

Tenho raiva [*de “terceiro”*] porque... *Apesar de que* todos os dois lados [*Comando Vermelho e Terceiro Comando*] não vê a pessoa primeiro. Se você mora no Terceiro e eu no Comando, e eu conversar contigo, alguém vai espiar, vai ficar olhando, então, hoje em dia eu não quero dividir isso.

Em uma visão oposta à de Silva, Charles atribui à “neurose” toda a margem para expressar a sua emoção como marca biográfica, mostrando a relevância subjetiva para a sua adesão ao tráfico. Em uma breve carreira no tráfico, Charles se dividiu entre a “boca” e os estudos, conseguindo concluir o ensino secundário em uma escola pública local onde teve oportunidades de inserção em novas redes de convivência. Na época da entrevista, em 2005, estava fora do tráfico e integrou o grupo Decompondo Divisas, nascido de um projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense, articulado pelo antropólogo Mário Miranda Neto, na época, professor e morador da Maré. Nesses encontros, alguns estudantes, moradores de diversas favelas da Maré, tiveram a oportunidade de conversar sobre a “neurose” vivida no local através da produção de um *mapa afetivo*¹⁷. Ao relatar tal experiência crítica e reflexiva no grupo, Charles diz estar interessado em circular em outros lugares na cidade, lugares “diferentes” que, a seu ver, impactam a sua experiência social de desenraizamento positivo, vivenciado, por exemplo, na Lapa: “Um lugar de maluco, tem todo tipo de gente e cultura e onde ninguém é de ninguém”.

17 As referências sobre a discussão são apresentadas pelo antropólogo Mário Miranda. Ver: Pinho (2004). Agradeço ao amigo e interlocutor de pesquisa Mário o convite para conhecer o Decompondo Divisas e o interesse em compartilhar valiosíssimas reflexões sobre a “neurose” na Maré.

Considerações finais

A visão dual “favela” *versus* “asfalto” não orientava os motivos das rixas, assim como não constituía os laços de aliança entre os seus membros, onde o confronto e o “alemão” eram partes constitutivas da festa e esperados. A vivência da rivalidade começa a ser percebida como um problema dentro do baile quando o conflito segue uma oposição entre “favela” x “favela” mediada pela “guerra” entre facções. Portanto, as rixas e a interação “violenta” entre os “guerreiros” proporcionavam uma excitante vivência dos conflitos sem excluir a possibilidade do convívio social. Em sentido oposto, a rivalidade entre facções representou a aniquilação do conflito do espaço de convivência, onde o controle externo da violência e a pacificação das condutas disciplinam o corpo e perturbam a alma.

Em contraposição ao código de valentia da sociabilidade guerreira compartilhado por Michele, Nando e Silva, a categoria “neurose” foi usada para explorar situações nas quais a pessoa se vê afetada ou próxima do ritmo de vida violento nas favelas em que atuam facções do crime. Seu uso traz à tona as regras para o emprego da força no contexto da guerra pelas “bocas de fumo” e sua análise possibilita compreender o impacto nas formas de se vivenciarem as rivalidades.

Os significados das brigas entre as galeras funk tinham como valores-guia os códigos de honra e a coragem pessoal em seu sentido de reputação da valentia guerreira associado à cultura machista, que, no plano simbólico, conecta a ideia de força, vigor e virilidade (ZALUAR, 1997; CECCHETTO, 1997). Esse código era interpretado a partir de uma perspectiva relacional das ações violentas de seus membros que valoriza os laços de reciprocidade entre grupos e pessoas amigas e rivais. Já sob o domínio das facções nas favelas, constrói-se uma nova perspectiva para as ações violentas. A ênfase recai sobre a força e a ameaça do “neurótico”, que tende a desconsiderar o “outro” da relação. A organização do tráfico de drogas em facções aparece cada vez mais relacionada ao tráfico de armas. A facção não só recruta os mais jovens como facilita o seu acesso à arma de fogo (ZALUAR, 1994, 1997). A ênfase no poder armado desloca o significado do estilo masculino agressivo do corpo e suas técnicas de luta para ressaltar o temperamento obsessivo e controlador do “neurótico”, cujas ações violentas seguem um novo ideal de virilidade definido pela associação ao tráfico.

Do ponto de vista subjetivo, *ser* “neurótico”, no sentido de tornar-se violento como projeto individual valorizado na vida do crime, é diferente de *ficar* “neurótico” ou *sentir* “neurose”, como antecipação dos riscos de ser alvo de violência. A “neurose” pode ser sentida por qualquer morador ou moradora de favela que se envolva em algum conflito banal e, conseqüentemente, corra o risco de ser julgado pelo “neurótico”. Nando e Silva justificam a nova realidade de violência e se veem autônomos e capazes de controlarem os riscos dentro da favela. Mesmo não sendo bandidos, eles não se sentem subordinados aos “neuróticos”; de certa forma sentem-se familiarizados com os valores *viris* da violência. Argumentei que a ideia de Nando e Silva de “saber dividir as coisas” não consegue “escapar” pela via do individualismo. Procurei mostrar que os valores são reinterpretados e contextualizados no interior das *configurações* específicas da violência (ELIAS, 1990). Para cada configuração da violência, identifiquei o seu valor típico correspondente, mesmo considerando as diferentes estratégias dos jovens como pertencentes a uma realidade contraditória, heterogênea, na qual os códigos e valores se entrecruzam e se hibridizam. Ao analisar a categoria “neurose”, pude compreender que o “neurótico” ou o bandido/traficante, como Charles, diferentemente dos outros jovens não “neuróticos”, enfatiza mais a crença no indivíduo moral. Ele encontrou maiores chances de individualização na configuração específica da ordem social do tráfico de drogas nas favelas.

A distinção de valores e condutas entre galeras funk e entre grupos de “neuróticos” mostra duas *configurações sociais*. Cada configuração, ou seja, cada contexto específico de interpretação do “eu”, do “nós” e do “outro”, enfatiza uma concepção de mundo específica que orienta o uso da força física em situações de conflito. Interpretei que a oposição “holismo-valentia”/“individualismo-neurose” demarca valores significativos em cada configuração da violência. A análise *configuracional* desenvolvida por Norbert Elias (1965) foi um importante guia pensado como alternativa teórica à dicotomia “indivíduo”/“sociedade”¹⁸, mas não suficiente para se contrapor à visão normativa das relações sociais. Visando escapar a uma perspectiva essencialista que ateste a adesão à ordem, considerei percepções e estratégias díspares no percurso dos jovens, contextualizadas pela mudança configuracional da violência. Partindo de autores como Schütz (1979), Geertz (1978) e Velloso (1987), valorizei a ênfase biográfica e situacional como dimensão dada ao universo de motivações e possibilidades de individualização dos sujeitos sociais inseridos em redes de significados.

18 A análise configuracional de Norbert Elias foi mais detalhadamente explorada em minha dissertação (MATTOS, 2006).

Referências

- CECCHETTO, Fátima Regina. (1997), “Galeras funk carioca: Os bailes e a constituição do ethos guerreiro”. Em: ZALUAR, Alba [e] ALVITO, Marcos (orgs). Um século de favela. Rio de Janeiro, Editora FGV.
- _____. [e] FARIAS, Patrícia. (2002), “Do funk bandido ao pornofunk: O vaivém da sociabilidade juvenil carioca”. Estudos Interdisciplinares, Vol. 4, nº 2.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. (1996), “Cinco vezes favela: Uma reflexão”. Em: VELHO, Gilberto [e] ALVITO, Marcos (orgs). Cidadania e violência. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Editora FGV.
- _____. (1997), “Conversando com Ice-T: Violência e criminalização do funk”. Em: HERSHMANN, Micael (org). Abalando os anos 90: Funk e hip-hop: Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco.
- _____. (2001), “Bonde do Mal”. Em: MAGGIE, Yvonne [e] REZENDE, Cláudia B. (orgs). Raça como retórica: A construção da diferença. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- DAS, Veena [e] POOLE, Deborah. (2004), *Anthropology in the Margins of the State*. Novo México, SAR Press.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (1986), *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- ELIAS, Norbert. (1990), *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1993), *O processo civilizador, Vol. 2: Formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. [e] SCOTSON, John L. (1965), *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. [e] DUNNING, Eric. (1982), *A busca da excitação*. Lisboa, Difel.

- FOUCAULT, Michel. (2002), “Aula de 17 de março de 1976”. Em: Em defesa da sociedade. São Paulo, Martins Fontes, pp. 285-326.
- GEERTZ, Clifford. (1978), A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- HERSCHMANN, Micael. (2000), O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- JEGANATHAN, Pradeep. (2004), “Checkpoint: Anthropology, Identity and the State”. Em: DAS, Veena [e] POOLE, Deborah (orgs). Anthropology in the Margins of the State. Novo México, SAR Press, pp. 67-80.
- LEITE, Márcia P. (2000), “Entre o individualismo e a solidariedade: Dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro”. RBCS, Vol. 15, nº 44.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio (org). (2008), Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MATTOS, Carla dos Santos. (2006), No ritmo neurótico: Cultura funk e performances proibidas em contexto de violência no Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Uerj.
- MIZRAHI, Mylene. (2010), A estética funk carioca: Criação e conectividade em Mr. Catra. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ.
- PINHO, Osmundo. (2004), “Homem só tem nome”. Em: Crítica da masculinidade, nº 3. Rio de Janeiro, Gal/Ceab/Ucam.
- SCHÜTZ, Alfred. (1979), Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- SOUTO, Jane. (1997), “Os outros lados do funk carioca”. Em: VIANNA, Hermano (org). Galeras cariocas: Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- VALLADARES, Licia. (2000), “A sociogênese das favelas cariocas”. RBCS, Vol. 15, nº 44.
- VELHO, Gilberto. (1987), Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

_____ [e] ALVITO, Marcos (orgs). (2000), *Cidadania e violência*. Editora UFRJ/FGV.

VIANNA, Hermano. (1988), *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____. (2000), “O funk como símbolo da violência carioca”. Em: VELHO, Gilberto [e] ALVITO, Marcos (orgs). *Cidadania e violência*. Editora UFRJ/Editora FGV.

ZALUAR, Alba. (1994), “Teleguiados e chefes: Juventude e crime”. Em: *O condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, Revan.

_____. (1997), “Gangues, galeras e quadrilhas: Globalização, juventude e violência”. Em: VIANNA, Hermano (org). *Galeras cariocas: Territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, pp. 17-57.

Textos de jornais e revistas e mídia digital

ARAÚJO, Théo. (28/3/2001), “Rio de Janeiro cria e esquece lei que regulamenta os bailes funk”. Repórter Terra, *Funk Carioca*. Disponível (on-line) em: http://www.terra.com.br/reporterterra/funk/dia3_not1.htm

NAME, Daniela. (21/12/2003), “Como é, quem faz e como são os bailes da música que já foi confundida com o crime e proibida, mas hoje contagia a cidade”. *O Globo*, Segundo Caderno, p. 1.

GELEIA DJ ZZ. (15/05/2008), “Chaparral: Grito de galera do Jacaré”. Video (internet), 37seg. Disponível (on-line) em: <http://www.youtube.com/watch?v=WX5KJhQxGBI>

De la valentía a la neurosis: Criminalización de los grupos jóvenes de funk, 'paz' y (auto)regulación de las conductas en las 'favelas' versa sobre percepciones y experiencias de violencia entre jóvenes ex-integrantes de “galeras” funk (tribus urbanas de aficionados al funk). El análisis se concentra en las palabras “neurosis”, usada por los jóvenes para contextualizar una fase de mayor tensión, y “violencia”, conectada al poder de las facciones del tráfico de drogas en las favelas. La categoría “neurosis” percibe un cambio en el patrón de interacción social que marca la extinción de los grupos en el circuito de eventos funk. Estas percepciones son parte de la construcción de subjetividades gestadas en el proceso de criminalización que opera la secular oposición “favela”/“asfalto”.

Palavras chave: sociabilidade, violencia, favela, funk carioca, galeras

CARLA DOS SANTOS MATTOS (carla2smattos@yahoo.com.br) é doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PP-CIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pesquisadora do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade Urbana (CEVis) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Uerj.